

DESENVOLVIMENTO, PEQUENA PRODUÇÃO AGRÍCOLA E A PRODUÇÃO AGRÍCOLA CAPITALISTA: UM ENFOQUE MARXISTA

DEVELOPMENT, SMALL AGRICULTURAL PRODUCTION AND CAPITALIST AGRICULTURAL PRODUCTION: A MARXIST APPROACH

Patrícia Ribeiro de Souza; Luciana Isabela Borges dos Santos Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada
patriciasouzaufrpe@gmail.com;luciana.luizabss@gmail.com

Grupo de Trabalho 05. Agricultura familiar e ruralidades

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo descrever algumas razões que explicam a manutenção e persistência das unidades de produção não-capitalistas nos setores agrícolas dos países capitalistas avançados e que são considerados como obstáculos ao desenvolvimento capitalista neste setor. Para alcançar esse objetivo foi utilizada como base teórica a análise de Karl Marx, através das contribuições dos autores Susan A. Mann e James M. Dickinson (1987) e Vergopoulos (1978). O método utilizado é o descritivo-analítico, com base nas bibliografias utilizadas. Em suma, com base no cenário de análise dos dois sistemas de produção, feita por Marx, é notável que seu critério de diferenciação da pequena produção de mercadorias e da produção capitalista está pautado na presença ou ausência de trabalho assalariado.

Palavras-chave: produção não-capitalista, desenvolvimento e agricultura.

Abstract

This research aims to describe some reasons that explain the maintenance and persistence of non-capitalist production units in the agricultural sectors of advanced capitalist countries and that are considered obstacles to capitalist development in this sector. To achieve this objective, Karl Marx's analysis was used as a theoretical basis, through the contributions of authors Susan A. Mann and James M. Dickinson (1987) and Vergopoulos (1978). The method used is descriptive-analytical, based on the bibliographies used in the theoretical basis. In short, based on Marx's scenario of analysis of the two production systems, it is remarkable that his criterion for differentiating small commodity production and capitalist production is based on the presence or absence of wage labor.

Key words*: non-capitalist production, development and agriculture.*

1. Introdução

Apesar de serem observados os melhores resultados das relações capitalistas nos países considerados desenvolvidos, uma pequena porção de unidades de produção não-capitalistas sobrevivem no interior dos centros do capitalismo mundial. Alguns autores consideram esse cenário um ambiente onde existe uma anomalia, pois é observado coexistência da pequena produção agrícola de mercadorias ao lado do dominante modo de produção capitalista.

Este contexto contemporâneo global demonstra que o desenvolvimento do capitalismo industrial não conseguiu, como afirmava Marx, a universalização do antagonismo existente entre trabalho e capital de cada sociedade, pois as unidades de trabalho familiar continuam apresentando uma excepcional vitalidade nos países onde a centralização da indústria alcançou o mais alto nível.

Este artigo tem como objetivo descrever algumas razões que explicam a manutenção e persistência das unidades de produção não-capitalistas nos setores agrícolas dos países capitalistas avançados e que são considerados como obstáculos ao desenvolvimento capitalista neste setor. Para alcançar esse objetivo esta pesquisa tem como base teórica a análise de Karl Marx, através das contribuições dos autores Susan A. Mann e James M. Dickinson (1987) e Vergopoulos (1978).

Além dessa introdução tem-se a metodologia, o desenvolvimento deste texto que tem como base a revisão bibliográfica, resultados e discussão e, por fim, as referências.

2. Metodologia

Este artigo tem como princípio norteador a pesquisa qualitativa que, conforme afirmam Martins e Theóphilo (2007, p.61), "é caracterizada pela descrição, compreensão e interpretação

de fatos e fenômenos". O método de análise das informações bibliográficas é do tipo descritivo-analítico, pois contextualiza o fenômeno através da utilização dos argumentos teóricos encontrados na bibliografia selecionada.

3. Desenvolvimento

3.1.Marx e a pequena produção de mercadorias

De acordo com os estudos de Marx, a pequena produção de mercadorias e a produção capitalista possuem dois aspectos de similaridade, isto é, são formas de produção para troca e base para a acumulação privada. A diferença entre essas formas de produção está nas características das relações sociais que cada uma tem.

Na pequena produção de mercadorias o produtor é detentor de seus meios de produção e os membros da família fornecem o capital trabalho para esta unidade econômica. Nessa unidade de produção não é observada exploração de classe, pois não há extração de mais-valia, que poderia ser observada a partir do trabalho assalariado.

Na produção capitalista existe uma separação entre o trabalho e o capital. Neste tipo de unidade produtiva o trabalho é um fator de produção e será explorado para obtenção da mais-valia. Nesse contexto, temos a existência de duas classes: uma de trabalhadores assalariados que foram desapropriados de seus meios de produção; e o proprietário do capital – empresário privado- que possuem os meios de produção.

Com base no cenário de análise dos dois sistemas de produção feita por Marx é notável que seu critério de diferenciação da pequena produção de mercadorias e da produção capitalista está pautado na presença ou ausência de trabalho assalariado. A partir desse perfil temos que a unidade agrícola de trabalho familiar é considerada uma pequena produção de mercadorias e somente a partir de mudanças nas relações sociais seria possível transformar a pequena produção em produção capitalista.

Conforme afirma Vergopoulos (1978) para o camponês das unidades de produção agrícola familiar, a sua atividade produtiva não depende da taxa positiva de lucro, pois sua condicionalidade para exercer as suas funções na propriedade está ligada às questões de subsistência. Dessa forma, na maior parte dos casos, este trabalhador não se vê como um fator de produção que, consequentemente, tem direito à remuneração.

Marx, no volume I de sua obra *O Capital*, conforme afirmam Mann e Dickinson (1987), conceituou a pequena produção de mercadorias como pré-história imediata do capitalismo, também conhecida como base do estágio de desenvolvimento "transicional", caracterizando os pequenos produtores como sendo uma classe "transicional". Esse contexto tem o alicerce na reflexão sobre a existência de competição entre esses produtores que geraria uma estratificação – diferenciação – dentro desta classe. A observação de uma diferenciação na classe dos pequenos produtores de mercadorias resultaria em diferentes taxas de acumulação entre esses produtores. Outro ponto a ser compreendido é que esta diferenciação também foi intensificada onde havia relações de competição entre os pequenos produtores e os produtores capitalistas.

É bom lembrar que Marx originou sua análise do destino da pequena produção a partir de suas observações sobre o desenvolvimento industrial na Inglaterra. Mas sua análise não tinha a intensão de ser restrita ao ambiente industrial. O resultado foi a constatação, na obra de Lênin - *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* – que era possível analisar a agricultura a partir da obra de Marx (MANN; DICKINSON, 1987).

A pesar de muitos outros marxistas, principalmente os teóricos do estruturalismo agrário, como é o caso de Kautsky, compartilharem as ideias básicas de Marx, existem, na contemporaneidade, diversos estudos sobre o desenvolvimento rural que consideram a persistência das unidades familiares até os dias atuais como sendo uma oposição empírica da noção de Marx sobre a natureza transicional da pequena produção de mercadorias.

A diminuição crescente das unidades familiares de produção em todo o mundo, no último século, não tem resultado em generalização de relações capitalistas de produção no campo. Sendo assim, a unidade familiar é descrita como economicamente viável, pois acumula e incorpora meios de produção sem, contudo, criar relações sociais de produção antagônicas entre o trabalho e o capital. Por isso, as teorias não-marxistas são as que melhor explicam o fenômeno de coexistência da pequena produção e a produção capitalista.

3.2 Teorias não-marxistas sobre as unidades de trabalho familiar

As teorias desenvolvidas pela corrente dos não-marxistas estão divididas em dois tipos e têm como objetivo esclarecer a manutenção e reprodução das unidades de trabalho familiar. O enfoque subjetivo analisa, a partir da composição interna das relações sociais de produção, a habilidade da unidade familiar de continuar a produzir sem receber a taxa média de lucro. Esse cenário é possível porque este tipo de unidade produtiva tem a capacidade de intensificação da autoexploração, que pode ser oriunda da crescente jornada de trabalho e seu ritmo, ou do corte no consumo. Isso também se traduz num contexto em que a pequena produção possui vantagem competitiva sobre formas capitalistas de produção, a partir da análise da taxa média de lucro.

Críticas ao enfoque subjetivo revelam que este enfoque defende uma "economia dual", que ignora a dinâmica das interrelações entre a pequena produção de mercadorias e a produção capitalista. Outra crítica está baseada no fato de que ao tentar explicar a sobrevivência das unidades de produção familiar, não consegue explicar o destino de formas não-rurais da pequena produção de mercadorias, que também tem como base o trabalho familiar.

O enfoque tecnológico argumenta que o determinismo tecnológico no meio rural é a base de sua sobrevivência, visto que os focos centrais do aperfeiçoamento tecnológico são a determinação de um tamanho "ótimo" de propriedade e a análise dos méritos da mecanização para elevar a produtividade do trabalho poupando mão de obra.

As críticas a este enfoque ressaltam que a tese da tecnologia poupadora de mão de obra possui dois equívocos: o primeiro ignora que a pequena produção de mercadorias e a produção capitalista têm coexistido na mesma esfera de produção e no mesmo espaço de tempo e local, e sob condições tecnológicas idênticas. Somado a isso, temos o fato de que este enfoque não explica por que as maiores e mais prósperas unidades de produção familiar rural não expandem seus limites ótimos do trabalho familiar, preferindo, por exemplo, alugar a terra para arrendatários.

Em suma, os enfoques subjetivo e o tecnológico não consideram que Marx tenha os argumentos que elucidem a razão da persistência das unidades de trabalho familiar em meio ao capitalismo tardio. Porém, as proposições da teoria marxista podem trazer significativas contribuições, pois têm como focos a teoria do valor-trabalho, considera a natureza peculiar de certas esferas da produção agrícola, e ressalta que o capitalismo é o modo de produção dominante e, assim, determinante (MARX, 1973 *apud* MANN; DICKINSON 1987).

3.3 Marx e os obstáculos ao desenvolvimento da agricultura capitalista

A contextualização da produção agrícola de mercadorias compreende unidades de produção simples e de produção capitalista. As análises sobre a teoria do valor-trabalho afirmam que o valor de troca de qualquer mercadoria, independente de que forma ela se enquadra (capitalista ou não-capitalista), é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la. Portanto, o tempo de trabalho é sempre tempo de produção, ou seja, é um tempo durante o qual o capital é firmemente mantido na esfera de produção.

O tempo de produção pode ser compreendido a partir de sua divisão em duas partes, conforme afirma Marx: existe um primeiro período onde o trabalho é realmente aplicado na produção e um segundo período, durante o qual a mercadoria "inacabada" é "abandonada à

influência de processos naturais", sem se submeter concomitantemente ao processo de trabalho (MARX, 1967 *apud* MANN; DICKINSON 1987). Como exemplos deste último caso temos os processos naturais, químicos e fisiológicos que ocorrem com a secagem das cerâmicas, fermentação etc.. Assim, ao mesmo tempo em que o trabalho humano usualmente desencadeia estes processos, após o ponto de partida iniciado pelo insumo-trabalho, o processo prossegue de forma independente, sem criar valor nem mais-valia.

4. Resultados e Discussão

Com base na leitura feita, é possível elencar alguns obstáculos para o desenvolvimento generalizado da produção agropecuária capitalista. As especificidades das mercadorias agrícolas que, como exemplos, temos a utilização de uma quantidade superior de tempo de produção comparando com o tempo de trabalho, o uso ineficiente do capital constante possui problemas na seleção de mão de obra, sua taxa de lucro é a mais baixa, em comparação aos outros setores, e encontra dificuldades para dar valor às mercadorias, com maior rapidez, na esfera de circulação.

A coexistência da pequena produção e da produção capitalista é possível por que a lógica e natureza do capitalismo provocam este cenário. Assim, a justificativa pautada na subjetividade do trabalho familiar ou na aplicação de tecnologia para explicar esta realidade, foi abandonada. Pois estudos recentes mostram que a agricultura familiar é a produção que consegui, de forma mais bem sucedida, colocar o volume máximo de trabalho camponês excedente à disposição do capitalismo urbano.

Dois assuntos podem fazer parte destas considerações finais. O primeiro está no fato de que as condições históricas, sociais e políticas modificam e contextualizam o enfoque teórico que permeia as análises das formas de produção de cada mercadoria. Sendo assim, ao analisar uma teoria, é preciso observar essas condições com parcimônia.

O segundo assunto explica que as características naturais do processo de produção na agricultura não são os únicos determinantes para explicar como algumas unidades de produção agrícola tornam-se capitalistas, com maior rapidez, e outras são consideradas não-capitalistas. Portanto, os fatores naturais inerentes às atividades de produção do setor agropecuário afetam a atividade, de forma geral, e podem ser considerados como uma barreira às formas capitalistas de produção, conforme afirma Marx em sua obra clássica *O Capital*.

Em suma, com base no cenário de análise dos dois sistemas de produção, feita por Marx, é notável que seu critério de diferenciação da pequena produção de mercadorias e da produção capitalista está pautado na presença ou ausência de trabalho assalariado.

Referências

MARX, Karl. Grundrisse, Harmondsworth. Penguin, 1973 *apud* MANN, S. A.; DICKINSON, J.M. Obstáculos ao desenvolvimento da agricultura capitalista. *Literatura Econômica*, v. 9, n.1, 1987. p. 7-26.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Atlas, 2007.

MARX, Karl. *O capital*. vol I e II. Moscou: Progress Publishers, 1967 *apud* MANN, S. A.; DICKINSON, J.M. Obstáculos ao desenvolvimento da agricultura capitalista. *Literatura Econômica*, v. 9, n.1, 1987. p. 7-26.

MANN, S. A.; DICKINSON, J.M. Obstáculos ao desenvolvimento da agricultura capitalista. *Literatura Econômica*, v. 9, n.1, 1987. p. 7-26.

VERGOPOULOS, Kostas. *Capitalism and peasant productivity*. Capital&Class. 1978.